

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 12 – Migração

Dia 05 de novembro de 2640. Voltamos hoje para nossa casa na Ilha dos Andes. Carrego comigo a sensação de que a inauguração de Shambala marcou um ponto de virada, mas agora retornamos à rotina — e ao trabalho. Passei o dia inteiro aprimorando meu novo projeto: a climatização completa das cúpulas dos Himalaias.

O piloto é simples: um software leve, que coordena grandes ventiladores e vaporizadores estrategicamente distribuídos na estrutura. A ideia é bombear água dessalinizada diretamente do mar, aquecê-la e pulverizá-la diante de cada ventilador para criar microcorrentes úmidas. Com o controle fino de temperatura, umidade e fluxo de ar, calculo que seja possível reproduzir um clima tropical ameno dentro da cúpula. O sistema inteiro foi pensado para consumir pouca energia e depende fortemente de sensores IoT para monitorar, regular e apresentar feedback climático em tempo real. Algo silencioso, eficiente e totalmente autônomo.

Enquanto isso, Heloise passa praticamente todos os dias nos laboratórios do centro dos Andes com a mãe. Hellen está profundamente envolvida em dois grandes projetos — e agora a filha também.

O primeiro é o aperfeiçoamento genético de vegetais essenciais para alimentação: milho, soja, girassol e cana-de-açúcar. A meta é clara: torná-los mais resistentes, adaptáveis ao solo arenoso e acelerar seus ciclos de cultivo.

O segundo é ainda mais ousado: desenvolver uma celulose mais resistente que o kevlar, a partir de um novo tipo de eucalipto geneticamente aprimorado.

Quando elas chegaram à noite, já exaustas, eu tinha preparado o jantar. Sentamos os três à mesa, em silêncio por alguns instantes. Coloquei o guardanapo sobre o colo e fiz a pergunta de sempre:

— E então... como foi o dia de vocês?

Hellen respirou fundo, abriu um pequeno sorriso cansado e começou a explicar:

— Foi produtivo, Alexis. Estamos avançando nas linhagens testadas. O milho e a soja receberam inserções genéticas para amplificar vias metabólicas associadas à tolerância ao estresse hídrico. Coisas simples, mas eficientes — aumento da produção de prolina e reforço das membranas celulares para reduzir perda de água. Também estamos usando CRISPR para editar genes que regulam o tempo de desenvolvimento.

Ela tocou o próprio copo, como quem organiza os pensamentos.

— Com o CRISPR, conseguimos cortar e substituir segmentos específicos do DNA vegetal como se estivéssemos editando texto. Uma enzima — geralmente a Cas9 — faz o corte preciso, e então introduzimos a sequência desejada. Dessa forma, reduzimos o tempo entre germinação e floração, acelerando o ciclo de colheita. No girassol e na cana de açúcar estamos reforçando genes que regulam resistência à salinidade e à acidez, porque o solo dos Himalaias ainda está instável. Com sorte, teremos variedades que crescem rápido, consomem pouca água e suportam condições extremas.

Ela sorriu outra vez, dessa vez com mais brilho:

— Se tudo der certo, Shambala poderá produzir o próprio alimento em poucos meses.

Heloise apoiou os cotovelos na mesa, empolgada:

— Eu fiquei com a parte do eucalipto, pai. Escolhemos o *Eucalyptus urophylla* porque já cresce rápido por natureza, mas estamos potencializando isso. Usamos uma combinação de CRISPR e promotores genéticos para aumentar a taxa de divisão celular no câmbio vascular — é ali que a madeira realmente se forma.

Ela fez um gesto circular com as mãos, como se moldasse algo no ar.

— O objetivo é produzir uma celulose com cristalinidade muito mais alta, com fibras mais longas e densas. Se conseguimos alinhar melhor as microfibrilas de celulose, reforçamos naturalmente a resistência mecânica. A ideia é que a nova fibra, depois de processada, supere o kevlar em tenacidade, elasticidade e resistência à tração.

Seus olhos brilhavam — aquele brilho que sempre vejo quando ela se sente pertencente a algo maior.

— Estamos chamando, provisoriamente, de *Celulose U-Prime*. Além disso, alteramos genes que regulam o metabolismo do hormônio auxina, para que as árvores cresçam o dobro, talvez o triplo da velocidade normal. Elas ficam mais baixas, mas grossas, perfeitas para extração. E adaptamos o sistema radicular para solos pobres, porque Shambala ainda está se recompondo.

Ela riu, encostando o queixo nas mãos:

— Se funcionar... podemos construir pilares, cabos, tecidos e estruturas inteiras só com essa celulose. Biodegradável e resistente — um sonho.

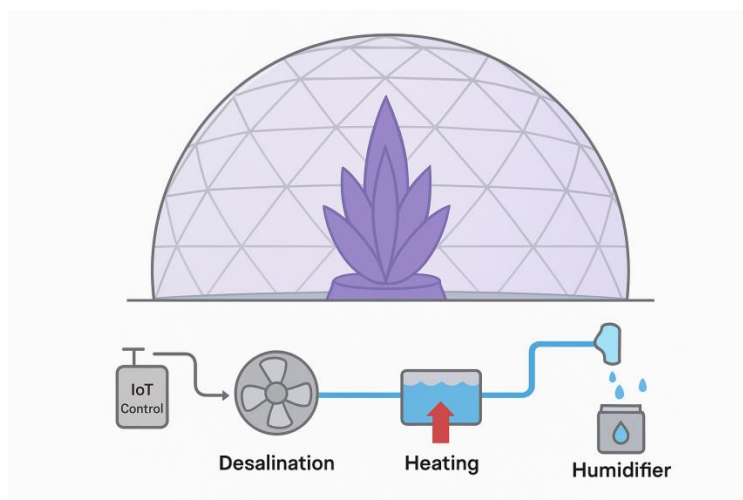


Figura 95 –Climatização

Data: 07 de novembro de 2640

O projeto para a Ilha dos Himalaias é, na prática, a criação de uma zona rural contemporânea: vida simples, trabalho manual, espírito elevado. Uma densidade populacional baixa, quase pastoral se comparada à Ilha dos Andes, que fervilha como sempre — laboratórios, centros de estudo, estúdios de engenharia, grupos de pesquisa, fábricas autogeridas... aqui as pessoas vivem com intensidade e propósito, movidas pela sensação de estarem sempre construindo algo maior que elas mesmas.

Espera-se que, com o avanço da produção agrícola, biotecnológica e florestal nos Himalaias, possamos estabelecer um fluxo contínuo de insumos transportados por mar até os Andes. Isso abrirá novas frentes de trabalho — manufatura, refino, bioprocessamento, engenharia de materiais — e alimentará a população não apenas com alimentos, mas com dignidade.

Afinal, nas ilhas livres, trabalho é sinônimo de autonomia, não de servidão. E sobretudo: aqui não dependemos das Corporações da Nexus. A Matrix — o megaconglomerado que monopoliza insumos no continente — não entra em nossos portos. A Nestlé, que controla 40% do mercado alimentar global, tampouco tem alcance aqui. É por isso que cada avanço agrícola, cada planta híbrida, cada novo material produzido nos Himalaias significa mais do que produtividade: significa soberania.

O delicado mercado da Ilha dos Andes funciona baseado em um princípio que conseguiu o impossível: eliminar o desemprego.

A base de tudo é a mineração de criptoativos de utilidade pública, um sistema criado décadas atrás pela Conspiração. Não se trata de moedas especulativas, mas de tokens lastreados em serviços essenciais da ilha. Cada processo educacional, cada projeto científico, cada sistema operacional público, cada modelo energético e cada protocolo de segurança é sustentado por uma blockchain comunitária.

Essa blockchain exige validação constante — e é aí que entra a mineração.

Nos Andes, minerar não significa desperdiçar energia com cálculos inúteis, mas processar tarefas computacionais reais da sociedade:

- simulações climáticas,
- otimizações dos sistemas autônomos,
- cálculos de engenharia,
- manutenção preditiva,
- análises biológicas e estruturais,
- renderizações dos modelos de teletransporte,
- validações de dados da IoT.

Cada cidadão contribui com poder computacional — seja por seus dispositivos, seja por participação em clusters públicos — e recebe tokens como retorno. Esses tokens pagam desde transporte e energia até alimentos e educação. Não existe desemprego porque todo cidadão é, por definição, parte do processamento coletivo.

É um sistema que transforma trabalho intelectual, técnico e computacional em riqueza circulante. Nada é ocioso. Nada é desperdiçado. O algoritmo distribui tarefas proporcionalmente às capacidades de cada dispositivo ou estação de trabalho, e a remuneração é automaticamente ajustada conforme a complexidade do cálculo.

Com a expansão produtiva da nova vila, a lógica se completa:

1. Os Himalaias produzem insumos — alimentos, fibras vegetais, matéria-prima, compostos bioquímicos.
2. Os Andes refinam, processam, transformam — desde tecidos e biopolímeros até nutrientes, ferramentas e materiais estruturais.
3. O transporte entre as ilhas cria fluxo de valor, que abastece a economia tokenizada.
4. O ciclo fecha: os Himalaias enviam matéria; os Andes devolvem tecnologia, máquinas, conhecimento e suporte.

Assim, o que nasce da terra bruta se transforma em riqueza intelectual, e o que nasce das mentes dos Andes retorna como infraestrutura, ferramentas e progresso.

Nenhuma corporação externa toca esse sistema.

Nenhuma domina seu fluxo.

Nenhuma lucra com o suor do povo.

É um mercado vivo, orgânico, descentralizado e — pela primeira vez em séculos — verdadeiramente humano.



Figura 96 –DNA

Data: 09 de Novembro de 2640.

Os humanoides não param; trabalham noite e dia e já começaram a construção das outras cúpulas, que serão zonas agrícolas cultivadas em torno de Shambala.

Tenho conversado bastante com Hellen sobre nosso novo projeto. A ideia surgiu de forma quase intuitiva, enquanto analisávamos a necessidade de acelerar a produção de leguminosas para sustentar a população em formação. Propus utilizarmos campos magnéticos gerados a partir de correntes elétricas cuidadosamente controladas. Segundo nossas primeiras simulações, pequenas variações no magnetismo parecem estimular a reorganização iônica do solo e, de algum modo, favorecer a germinação e o alongamento das raízes. Hellen, sempre atenta aos detalhes biológicos, complementou a teoria com ajustes na intensidade e frequência das ondas, para evitar qualquer tipo de estresse vegetal.

Além do magnetismo, estamos testando o uso de luminosidade modulada — ciclos mais curtos de luz intensa seguidos por períodos de penumbra suave — algo que imita o ritmo natural mas o acelera sem violentá-lo. A nível orgânico, continuamos firmes no uso de fertilizantes de base natural: compostos enriquecidos com microrganismos que se adaptam ao novo clima da Ilha dos Himalaias. A combinação das três variáveis — magnetismo, luz e nutrição — parece promissora.

Outro ponto essencial são os dispositivos de IoT distribuídos entre as estufas. Pequenos sensores monitoram em tempo real a umidade, a temperatura, o pH do solo e a concentração de nutrientes. Eles se comunicam entre si e ajustam automaticamente o sistema elétrico e luminoso, mantendo tudo dentro dos parâmetros ideais. O mais interessante é que os próprios humanoides conseguirão interpretar os dados e recalibrar os equipamentos sem nossa intervenção direta.

Se tudo continuar progredindo assim, teremos em breve um conjunto de protocolos estáveis para aplicar nas futuras zonas agrícolas dos Himalaias. O mais interessante é observar como cada variável — magnetismo, luz e nutrição orgânica — não atua de forma isolada, mas se combina em um delicado equilíbrio. Hellen tem dedicado horas a estudar a resposta bioelétrica das plantas; ela acredita que o campo magnético pode funcionar como uma espécie de “marcapasso metabólico”, acelerando certas reações sem comprometer o desenvolvimento natural.

Os testes nos módulos provisórios já começam a revelar padrões consistentes. As leguminosas expostas ao campo magnético pulsante apresentam raízes mais espessas e maior número de pelos radiculares, o que indica uma absorção superior de nutrientes. Paralelamente, a iluminação modulada tem reduzido o tempo de brotação sem causar deformidades — algo que era nossa maior preocupação inicial.

Também detectamos um fenômeno curioso: quando os sensores de IoT ajustam automaticamente a intensidade luminosa com base na temperatura do solo, a planta parece “aceitar” melhor as mudanças no ambiente.

Não sei se é cedo demais para afirmar, mas talvez estejamos criando um ciclo de retroalimentação quase simbiótico entre o sistema eletrônico e o vegetal, onde cada elemento responde ao outro em tempo real.

Hellen sugeriu que, assim que as cúpulas estiverem parcialmente erguidas, instalemos protótipos de solo vivo — pequenos canteiros experimentais com microbiomas importados da antiga Terra e adaptados às novas condições climáticas. A vantagem desses microbiomas é que aceleram a decomposição natural e liberam nutrientes que, combinados ao magnetismo, podem formar um ambiente excepcionalmente fértil.

Ainda levará algum tempo até que o primeiro plantio em escala seja possível, mas intuitivamente e racionalmente sinto que estamos indo no caminho certo para criar um ecossistema capaz de se sustentar. Cada avanço, por menor que pareça, é um lembrete de que os Himalaias não serão apenas um abrigo — Será um organismo vivo, construído pela soma de nossas ideias e pela resiliência dos ideais da Conspiração que permitem que o humano opere sobre a máquina e não o contrário.



Figura 97 – Horta experimental

Data: 12 de Novembro de 2640

Local: Ilha dos Himalaias — Porto de embarque e desembarque

Hoje é dia de rodízio dos humanoides. Acordei antes do sol, ainda com a mente enevoada pela ansiedade desse processo sempre delicado. Fui até a casa do Doutor Grilo, e dali eu saltei para os Himalaias. Encontrei Max mais uma vez — ele já parecia exausto antes mesmo de começarmos, mas manteve o habitual sorriso breve — e seguimos juntos para o porto, onde receberíamos o novo lote de M8s infiltrados em Nova América e entregaríamos o grupo que já havia cumprido seu ciclo.

A Corporação continua remanejando os humanoides com mais frequência do que o normal, e nossos espiões relatam que talvez estejam tentando reprogramar o *self* dos nossos agentes. Esse risco obriga o rodízio constante, quase compulsivo: uma troca rápida demais para permitir que nos detectem, mas lenta o suficiente para que consigamos acompanhar e manter a autenticidade de cada unidade. É um jogo de sombras tão fino que às vezes temo que, ao tentar confundir a Corporação, acabemos nos confundindo também.

Os humanoides que estamos devolvendo hoje permanecem com as novas capacidades implantadas. Inserimos neles um módulo completo de construção civil — e não pretendemos removê-lo. Se algum dia precisarmos deles novamente, ao menos não teremos de reprogramá-los. Já os que estão chegando passarão por um exame minucioso do *self*, para garantir que não tragam nenhuma interferência da Corporação. Só depois disso receberão o “enxerto”, o upgrade que os tornará mais eficientes nos canteiros de obra.

Às vezes sinto uma espécie de inveja dos humanoides. Eles absorvem tarefas complexas em poucas horas; basta uma conexão direta com seus pseudoencéfalos para que pacotes inteiros de habilidades se integrem perfeitamente à sua rotina. Mais do que isso — comunicam-se em silêncio, através de enlaces sem fio, como se partilhassem uma forma primitiva, porém funcional, de telepatia. Nós não temos nada parecido. E ainda conseguem transmitir seu aprendizado para a rede, permitindo que todos assimilem a experiência de um único indivíduo. Eu daria muito para ter uma fração dessa capacidade.

Enquanto caminhávamos pelo cais, observando os contêineres selados vibrarem com o leve ajuste térmico dos M8s em repouso, fiquei pensando sobre a limitação — ou talvez beleza — da mente humana. Aprendemos devagar, por repetição, erro, tentativa, memória emocional. Somos criaturas de contexto: precisamos observar, experimentar, metabolizar. Nossa “rede neural” não aceita downloads; ela cresce orgânica, desigual, às vezes dolorosa. Há quem diga que isso nos torna fracos, mas percebo que também nos torna singulares.

O aprendizado dos humanoides é técnico, limpo, sem hesitação; o nosso é narrativo. Precisamos significar as coisas. Precisamos nos reconhecer no processo. E talvez seja exatamente isso que a Corporação não compreende — ou teme.

Um humano pode demorar anos para dominar uma habilidade, mas quando domina, cria cultura. Cria história. Cria propósito.

Às vezes me pergunto se a humanidade realmente precisa de telepatia, ou se já somos telepatas à nossa maneira, através de símbolos, olhares, silêncios, rituais, arte. Eles copiam informação; nós compartilhamos sentido. Talvez sejamos mais lentos, mas somos mais profundos.

E essa profundidade, penso, é algo que nenhum algoritmo — nem mesmo um pseudoencéfalo avançado — consegue replicar completamente.



Figura 98 – Porto dos Himalaias

Após um dia cansativo, mas estimulante, fui até o transmissor nos Himalaias, saltei para o receptor na casa do Doutor Grilo e, depois de um chá restaurador, voltei para casa.

Data: 15 de Novembro de 2640

Local: Ilha dos Andes, Lote 13, Quadra 27, Casa 108.

Como de costume, na hora do jantar em família comentei sobre a impressionante capacidade dos humanoides de trabalharem de forma contínua, ininterrupta, até o último pulso fotônico. É quase inquietante observar como o pseudoencéfalo deles se conecta a bancos de dados distribuídos com a mesma naturalidade com que respiramos.

Hellen, enquanto ajeitava o talher ao lado do prato, disse:

— Se o pseudoencéfalo foi inspirado na mente humana, talvez seja justamente essa interconexão — essa corrente silenciosa de pensamentos que nunca vemos, mas sentimos — aquilo que chamamos de mente como nosso quinto sentido. Um sentido que não se prende a órgãos, mas ao modo como interpretamos tudo aquilo que nos causa influência.

Heloise levantou o olhar, pensativa. A gravidez parecia, a cada dia, ir aprofundando ainda mais a sua sensibilidade. Então ela começou a falar com a serenidade de quem organiza o mundo dentro de si antes de colocá-lo em palavras:

— Às vezes eu penso que nossa mente é como uma carruagem. Os sentidos são os cavalos, sempre inquietos, querendo correr em direções diferentes. O corpo é a própria carroça, que segue onde é puxada. Mas a consciência... essa é quem deveria segurar as rédeas. Quando a consciência cede, os sentidos nos arrastam; quando a consciência assume o controle, tudo se alinha. Talvez por isso seja tão fácil para os humanoides serem eficientes: não têm cavalos selvagens dentro de si. Não têm desejos próprios que puxem cada corda para um lado.

Ela sorriu levemente, enquanto repousava a mão sobre o ventre:

— Nós, ao contrário deles, estamos sempre lutando para que a consciência permaneça firme, sem ser derrubada pelos impulsos do corpo ou pelas inquietações da mente. Mas é justamente essa luta que nos torna humanos. A disciplina, a prática, o esforço de manter as rédeas firmes... isso é o que nos permite escolher quem somos, e não apenas reagir ao que sentimos.

Hellen concordou com um aceno silencioso.

— Talvez por isso — completou ela — seja tão perigoso quando uma corporação quer tomar o controle das rédeas da mente das pessoas. Se você entrega seu domínio interno, entrega tudo.

Fiquei observando as duas, impressionado com a clareza da conversa. Era curioso como metáforas milenares ecoavam com tanta força num mundo que havia se tornado quase inteiramente sintético.

E percebi que, apesar de toda a tecnologia ao nosso redor, continuávamos sempre voltando a esse ponto simples: a capacidade humana de escolher o rumo da própria carruagem.

Enquanto lavava meu prato após o jantar, fiquei pensando na diferença fundamental entre nós e os humanoides.

Podemos replicar processos cognitivos, arquiteturas de decisão e até simular emoções, mas a centelha da consciência — essa capacidade de escolher para onde viramos nossas próprias rédeas — permanece um mistério exclusivamente humano. Talvez o livre-arbítrio não seja um mecanismo, mas um espaço invisível entre o impulso e a ação, algo que nenhuma engenharia conseguiu capturar. E quanto mais observo os M8 executando suas tarefas com perfeição, mais entendo que consciência verdadeira não nasce de circuitos: nasce de conflito, dúvida, responsabilidade — e do peso de saber que poderíamos escolher diferente.



Figura 99 – Visão de Heloise

Às vezes me pergunto se o livre-arbítrio é justamente aquilo que não pode ser programado. Podemos construir algoritmos que decidam, mas não que queiram. Nos humanoides falta esse intervalo silencioso onde o ser humano escolhe — ou hesita. Talvez seja justamente essa hesitação que define a consciência.